

O OBJETO NULO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Sonia Maria Lazzarini CYRINO (Universidade Estadual de Londrina)

ABSTRACT: The null object in Brazilian Portuguese has been the topic of several studies, because it shows peculiarities that distinguish it from the null object of other languages, including European Portuguese. The aim of this paper is to discuss the various proposals that have been made with respect to its syntactic status and their inadequacies. I then propose a treatment of the phenomenon that will account for its occurrence in Brazilian Portuguese as well as for the diachronic change that caused the appearance of this type of null object. The paper is largely based on Cyrino (1994).

Key words: Syntax; Null object; Ellipsis; Diachronic change; Generative theory.

Palavras-chave: Sintaxe; Objeto nulo; Elipse; Mudança diacrônica; Teoria gerativa.

0. Introdução

O chamado “objeto nulo”, i.e., uma posição de objeto direto que é fonologicamente nula, tem sido estudado em várias línguas. Seu estatuto sintático, porém, tem sido alvo de variadas análises, não somente para o português brasileiro (doravante, PB), como também para outras línguas.

Inicialmente, o objeto nulo foi estudado, dentro da Teoria da Regência e Vinculação (TRV), por Huang (1984), relativamente ao chinês. Para o autor, o objeto nulo dessa língua seria um elemento vinculado a um tópico nulo em posição A', tópico que tivesse sido introduzido no discurso, ou que estivesse no contexto pragmático.

A partir desse estudo, vários outros surgiram para dar conta do objeto nulo, utilizando-se dados de outras línguas. Para o português europeu (doravante, PE), Raposo (1986) propunha, da mesma forma, que o objeto nulo fosse considerado como uma variável, porém melhor

caracterizada como um vestígio deixado pelo movimento de uma categoria vazia para a posição de COMP, onde se tornaria um operador nulo coindexado ao tópico (nulo) do discurso. Assim, (1), que apresenta um objeto nulo (aqui representado como “___”), teria a estrutura em (2):

(1) A Joana viu ___ na TV ontem.

(2) Top [___]_i [s OP₁ [s a Joana viu t_i na TV ontem]]

O argumento de Raposo para o objeto nulo do PE como uma variável, vestígio de movimento, é o fato de que essa categoria vazia é impossível em sentenças que são ilhas para movimento. Assim, as sentenças em (3) são agramaticais em PE:

- (3) a. * Eu informei a polícia da possibilidade de o Manuel ter guardado ___ no cofre da sala de jantar.
 b. * O rapaz que trouxe ___ mesmo agora da padaria era o teu afilhado.
 c. * Que a IBM venda ___ a particulares surpreende-me.
 d. * O pirata partiu para as Caraíbas depois de ter guardado ___ no cofre.

Esses primeiros estudos (ver também Campos, 1986) pareciam indicar uma homogeneidade para a caracterização do objeto nulo. Porém, outros estudos surgiram, para línguas como o quechua (Cole, 1987), o PB (Farrell, 1987, 1990; Galves, 1987, 1989a, b; Kato, 1991a, b, 1993; Maia, 1990), e o italiano (Rizzi, 1986), mostrando a existência de objetos nulos que não podem ser considerados como variáveis.

Nesses trabalhos, diversos estatutos sintáticos para o fenômeno são propostos: dependendo da língua, o objeto nulo seria uma expressão-R nula (epíteto nulo) (Huang, 1991; Kato, 1991a), poderia ou não estar relacionado com a elipse de VP (Huang, 1991; Kato, 1991a, Matos, 1992), ou poderia ser considerado um elemento pronominal (Farrell, 1987, 1990; Galves, 1987, 1989a,b; Kato, 1991a,b, 1993; Maia, 1990). Por exemplo, Kato (1991a), usando dados do PE e do PB, aponta para o objeto nulo que tem uma interpretação pragmática (dêitica). A autora considera o objeto nulo dêitico (o “exopro”), que ocorre em sentenças matriz e tem sua referência no contexto pragmático, como um “nome

nulo”, ou seja, uma expressão-R nula. Esse tipo de objeto nulo pode ocorrer até em línguas como o inglês:

- (4) a. Compre ___ !
 b. Send ___ by mail.
 ‘Envie pelo correio’

Da mesma forma, Huang (1991) afirma que o objeto nulo do chinês é um tipo de expressão-R, dentro da teoria da Vinculação. Seria como um epíteto nulo, pois possui as mesmas características dos epítetos (não-nulos) nessa língua.

Esses estudos nos levam a perceber que o objeto nulo do PB em muito se assemelha ao objeto nulo do chinês. No entanto, Cyrino (1994) mostra que não podemos assumir que seja um “epíteto nulo”, pois as seguintes sentenças têm diferentes significados em PB:

- (5) a. João usa *seu computador* todos os dias, e Pedro usa *a engenhoca* uma vez por semana.
 b. João usa *seu computador* todos os dias, e Pedro usa ___ uma vez por semana.

(5a) é diferente de (5b), pois em (5a) “a engenhoca” refere-se ao computador de João e não pode se referir ao computador de Pedro. Já em (5b), o objeto nulo pode ter ambas as referências, ou seja, pode referir-se ao computador de João, ou ao computador de Pedro. Se o objeto nulo fosse um epíteto nulo, não poderíamos explicar essa diferença na interpretação.

A elipse de VP é uma outra manifestação relacionada ao objeto nulo na literatura. Huang (1991) admite que o chinês possui elipse de VP e que, por vezes, o objeto nulo nada mais é do que o resultado desse fenômeno. Para o autor, o chinês apresentaria movimento de V a I, e, em sentenças como (6), teríamos a ocorrência de elipse de VP e não de objeto nulo - a repetição do verbo na segunda cláusula seria uma espécie de *pro-VP* resumptivo, já que o chinês não apresenta “do-support”:

- (6) Zhangsan kanjian-le tade mama, Lisi ye kanjian-le.
 ‘Zhangsan viu sua mãe, e Lisi também viu’

Por outro lado, Raposo (1986) afirma que o objeto nulo do PE *não* pode ser confundido com elipse de VP. No caso do português, o V movimenta-se para I (ver também Matos, 1992), e o VP restante é elidido, em sentenças como (7). Temos, assim, *elipse de VP*:

- (7) Joana entregou os livros ao Manuel, mas eu sei de muita gente que nunca teriam entregue ____.

Já Kato (1991a,b) propõe que, na realidade, muitas vezes o objeto nulo é uma manifestação de elipse de VP após o movimento V para I, quando em sentenças complemento como (8b). Nesse caso, o antecedente estaria no discurso anterior (8a) (e não no contexto pragmático):

- (8) a. O homem colocou o armário?
b. João disse que colocou ____ ontem.

A ocorrência ou não em ilha tem sido apontada como a diferença existente entre o objeto nulo do PE e do PB. É usada nas argumentações a favor do elemento pronominal para o objeto nulo do PB, ao contrário da variável no caso do PE (ver Raposo, 1986).

Porém, as análises que consideram o objeto nulo como um elemento pronominal, *pro*, não apresentam um consenso em como estabelecer as condições de licenciamento e identificação desse elemento (ver Farrell, 1987, 1990; Galves, 1987, 1989a, b; Kato, 1991a, b, 1993; Maia, 1990; Rizzi, 1986).

Levando em conta a diversidade de manifestações dessa categoria vazia, Kato (1991a,b) propõe que o objeto nulo típico do PB, como em (9), seja um caso de *clítico nulo*, sendo que tal categoria não ocorre nem no PE, nem no chinês:

- (9) Comprei o casaco; sem experimentar ____;

PE não poderia ter um clítico nulo visto que, se esse fosse o caso, poderia permitir objetos nulos em qualquer estrutura, inclusive ilhas.

No entanto, talvez nem mesmo seja esse o diferente estatuto do objeto nulo do PB com relação ao PE. Conforme apontado em Cyrino

(1994), a sentença abaixo foi encontrada por Duarte (1991) em texto oral do PE. Note que a sentença apresenta um objeto nulo em ilha:

- (10) ... porque muita gente já chegou à conclusão, por exemplo, comprar um bibelot pode não estar dentro do gosto da pessoa a quem vão oferecer ____

Se PB tem um clítico nulo ao contrário do PE, fato que justificaria o objeto nulo em ilha no PB, por que (10) é possível em PE? Se propusermos o clítico nulo também para o PE, como diferenciar o objeto nulo possível em ilha no PE, como (10), dos outros casos impossíveis em (3) acima?

Abaixo, apresento uma análise que pretende dar conta das peculiaridades do objeto nulo do PE e do PB apontadas acima.

1. A análise para o PE

A primeira análise para o PE, como vimos acima, foi Raposo (1986). Raposo propõe uma categoria vazia do tipo variável, e salienta que não se pode confundir o objeto nulo com elipse de VP.

Matos (1992), que estuda elipse de VP no PE, reafirma essa posição. É, porém, muito difícil dizer se uma ocorrência é um objeto nulo ou um caso de elipse de VP, pois em português, ao contrário do inglês, o que licencia a elipse é o V, e não INFL (ver Matos, 1992). Assim, o resultado audível é o verbo (estando em INFL, após o alçamento) com o complemento nulo fonologicamente, situação idêntica à que ocorre no caso do objeto nulo.

Matos, entretanto, aponta as diferenças entre objeto nulo e elipse de VP. Em uma sentença como (11), teríamos a ocorrência de um objeto nulo, pois, segundo Matos, o que está inaudível é somente o objeto direto:

- (11) Maria viu ____ na TV ontem.

Contudo, podemos tornar (11) aparentemente indistinguível de (12), uma sentença semelhante, mas com estrutura de elipse de VP. Segundo Matos, a característica desse processo é a identidade dos verbos

envolvidos e a presença de advérbios de denotação predicativa idêntica (no caso, "também"):

(12) João viu o desastre, e Maria também viu ___ na TV ontem.

Em PE, a gramática deve apresentar outros indícios para que a criança atribua diferentes estruturas para as sentenças acima. Em uma, (11), teríamos a presença de uma variável, segundo Raposo (1986). Em outra, (12), eclipse de VP.

A questão, porém, é como analisar o objeto nulo do PE quando ocorre em sentenças como (10) acima. Nesse caso, não pode ser considerado uma variável, nem pode ser o resultado de eclipse de VP. Vejamos, então, minha proposta.

Dentro da abordagem gerativista, Fiengo & May (1994), doravante F&M, propõem um processo em FL denominado "reconstrução". Trata-se de um conjunto de estruturas "tokens" sob uma condição de identidade sintática. São ocorrências de um submarcador sintagmático em um discurso, sobre um dado vocabulário terminal. Os membros de uma reconstrução podem ser audíveis ou não. Por exemplo, em (13) abaixo temos dois membros de uma reconstrução de VP que não estão elididos:

(13) Max left and Oscar left too
'Max saiu e Oscar também saiu'

Para F&M, não é relevante o fato de membros de uma reconstrução serem audíveis ou não. Independentemente de serem pronunciados ou não, os membros de uma reconstrução preservam a categoria gramatical e as relações lineares e de dominância dentro da categoria gramatical: todas as ocorrências serão compostas estruturalmente da mesma forma. Nessa teoria, a reconstrução é uma "cópia carbono" estrutural de seu antecedente, respeitando certos tipos de índice em pronomes anafóricos.

A vantagem da proposta de F&M é que pode dar conta na sintaxe através do uso de sua Teoria da Dependência (ver abaixo) das leituras estrita e imprecisa ("strict" e "sloppy") que ocorrem na eclipse de VP, em sentenças como (14) abaixo:

(14) John saw his mother, and Peter did too.
'John viu a mãe dele, e Peter também viu'

Na leitura estrita, entendemos que Peter viu a mãe de John. Na leitura imprecisa, entendemos que Peter viu a sua própria mãe (fenômenos já apontados em Ross, 1967).

F&M resolvem a questão através da proposta de diferentes índices para pronomes conforme sejam independentes (índice α) ou dependentes (índice β) de um NP no mesmo marcador sintagmático. A ambigüidade exibida pelos pronomes, a qual gera as leituras estrita e imprecisa, não precisa ser relegada a um "componente interpretativo". Sua Teoria da Dependência dará conta, na sintaxe, de certos fenômenos de referência pronominal. Assim, a leitura estrita é obtida pela indexação α do pronome (15a), e a leitura imprecisa é obtida pela indexação β (15b), na estrutura de reconstrução em itálico:

- (15) John saw his mother, and Peter did too.
 a. John₁ saw his ^{α} ₁ mother, and Peter₂ saw his ^{α} ₁ mother
 b. John₁ saw his ^{β} ₁ mother, and Peter₂ saw his ^{β} ₂ mother

Em Cyrino (1994), proponho que, além do objeto nulo variável (16a) e da elipse de VP (16b) (segundo Raposo, 1986), o PE tem um objeto nulo que é o resultado de reconstrução em FL(16c):

- (16) a. Maria viu ___ na TV ontem.
 b. João viu o desastre, e Maria também viu ___ na TV ontem.
 c. ... porque muita gente já chegou à conclusão, por exemplo, comprar um bibelot pode não estar dentro do gosto da pessoa a quem vão oferecer ___

(16c) não poderia ser uma variável, por ocorrer em ilha, e também não atende aos requerimentos para elipse de VP (segundo Matos, 1992). Proponho que é o resultado do mesmo processo que ocorre em FL nos casos de elipse de VP. A diferença é que é uma reconstrução de NP, e não de VP (ver abaixo).

Esse tipo de objeto nulo que proponho para o PE é somente possível quando seu antecedente tem o traço [-específico, -referencial]. Um exemplo seria a sentença (17), em que, seguindo os critérios apontados por Matos (ver acima), não podemos dizer que há elipse de VP, nem poderíamos considerar um objeto nulo do tipo variável, visto que

ocorrem em uma ilha (agradeço a Ana Maria Martins e Eduardo Raposo pelo julgamento da sentença em PE):

- (17) O homem que deu seu salário à esposa foi mais esperto do que o homem que deu ___ à amante.

Podemos observar, nesse exemplo, que esse objeto nulo é possível em ilha. Esse objeto nulo é também o que ocorre em (16c) acima. Esse resultado é explicável se assumirmos que há, em FL, a *reconstrução do NP antecedente*, e a elipse desse NP em FF. Podemos observar que a ausência da co-referência entre o objeto nulo e o antecedente (“seu salário”) é explicada se assumirmos também a Teoria da Dependência de F&M.

Em (18), temos outros exemplos desse tipo de objeto nulo, ocorrendo em ilhas (agradeço a Ana Maria Martins e a Eduardo Raposo, pelos julgamentos):

- (18) a. João empresta seu carro ao filho e depois fica preocupado; mas Pedro fica preocupado quando empresta ___ à esposa.
 b. Que Maria guarde seu anel na gaveta não me surpreende, mas que Joana guarde ___ no açucareiro realmente me espanta.
 c. João guardou seu dinheiro no armário e partiu para o Brasil; mas Pedro só partiu para o Brasil depois de ter guardado ___ no cofre.

Tais objetos nulos aparecem em textos do século XVI, isto é, no português clássico, que chegou ao Brasil. Sua ocorrência é irrestrita, aparecendo mesmo em ilhas:

- (19) Ninguém venda a liberdade
 Pois não póde resgatar ___ (Camões, século XVI, El-Rei Seleuco)

Note que nos exemplos em (17-19) não se pode dizer que há elipse de VP pois o que está elidido é somente o objeto direto dos verbos. Em (19), além disso, não há nem a identidade verbal, característica de elipse de VP, como vimos acima. Esses exemplos mostram que esse objeto nulo é diferente do objeto nulo proposto por Raposo (1986), e é também diferente da elipse de VP.

2. A análise para o PB

Vários estudos descrevem sincronicamente a ocorrência do objeto nulo no PB. Esses estudos, variacionistas, procuram mostrar a ocorrência dessa categoria vazia em relação a fatores sociais, como escolaridade e faixa etária. Os resultados são importantes pois mostram, além disso, seu condicionamento sintático, c.f. Duarte (1986), Omena (1978), Pereira (1981) e Tarallo (1983). Todos esses estudos mostram que o antecedente do objeto nulo do PB é [-animado] na maioria dos casos (cf., por exemplo, Duarte, 1986).

Os resultados de minha pesquisa (Cyrino, 1994) levaram-me a propor que o PB também pode apresentar um objeto nulo quando seu antecedente é um NP [-específico/-referencial] da mesma forma que o PE e o português clássico, conforme vimos acima.

No entanto, o objeto nulo do PB corresponde à reconstrução do antecedente em FL também quando seu antecedente é [+específico, -animado]. Esse objeto nulo diferente do objeto nulo do PE teria surgido a partir da existência de estruturas de elipse sentencial (ver abaixo).

A pergunta seria: o objeto nulo do PB é elipse? A resposta é afirmativa. Não é, porém, o mesmo que “elipse de VP”. Recorde que, para Matos (1992), na elipse de VP é preciso haver identidade entre os verbos - o verbo antecedente e o verbo licenciador da “inaudibilia”. Assim, (20) seria gramatical em PE, enquanto (21) seria agramatical:

(20) João descascou a banana, mas Pedro não descascou ____

OK em PE

OK em PB

(21) João descascou a banana, mas Pedro não comeu ____

* em PE

OK em PB

Em (20) e (21), temos o advérbio “não”, o que caracteriza a elipse de VP em estruturas coordenadas. Mas a diferença entre (20) e (21) é que os Vs envolvidos são idênticos em (20), mas não em (21).

Conforme podemos observar, (21) é perfeita em PB (assim como (20)). Em (20) teríamos elipse de VP, e em (21) o OBJETO NULO do PB. Ao propor o objeto nulo do PB como reconstrução nos casos em que seu antecedente é [-animado, +específico/+referencial] (bem como nos casos em que seu antecedente é [-específico/-referencial], como em PE), porém, excluo a possibilidade de um objeto nulo reconstrução com antecedente [+específico, +animado] em PB. Essa exclusão decorre de minha postulação (Cyrino, 1994) de que a reconstrução de NP ocorre somente com antecedentes que possam ser recuperados por um pronome do tipo “it” do inglês. Conforme veremos na seção 3, minha pesquisa indica que o objeto nulo do PB surgiu da queda do clítico neutro “o”, um pronome do tipo “it”, em construções onde a elipse era uma opção permitida pela gramática.

O pronome “it” é o mais baixo em conteúdo semântico: qualquer coisa no mundo pode ter sua referência feita com “it” se ainda não foi identificada como sendo algo de um tipo em particular. Assim, “it” depende de seu antecedente. Quando seu antecedente não é específico, proponho que há a reconstrução desse antecedente em FL. Daí advém a possibilidade de leitura estrita e imprecisa no caso de (22), onde temos o pronome “it” (equivalente ao clítico “o”), em oposição ao que ocorre em (23) (proferida em uma situação de adoção, por exemplo), onde temos um pronome [+humano]:

(22) The man who gave his paycheck to his wife was wiser than the man who gave it to his mistress.

‘O homem que deu seu salário à sua mulher foi mais esperto do que o homem que o deu à sua amante’

(23) The man who gave his daughter to relatives was wiser than the man who gave her to strangers

‘O homem que deu sua filha a parentes foi mais esperto do que o homem que a deu a estranhos.’

De fato, se tomarmos (21) como exemplo do objeto nulo permitido no PB e mudarmos o antecedente para um NP [+animado, +específico/referencial], teremos uma sentença inaceitável em (24a), melhor aceita como (24b):

(24) a. ?João trouxe a Maria_i, mas Pedro não beijou _____i;

b. João trouxe a Maria_i, mas Pedro não beijou ela_i/ não a_i beijou

Em minha análise, o objeto nulo com antecedente [+animado, +específico/referencial] em PB somente existiria dentro de uma estrutura de reconstrução, com elipse de *VP*. Um exemplo de Farrell (1987) ilustra esse ponto:

(25) *O Pedro_i disse que a Maria beijou _____i;

Farrell aponta que (25) fica perfeita em (26), motivo pelo qual o objeto nulo não pode ser uma variável ligada a um tópico nulo (se assim fosse, a sentença violaria a condição de cruzamento forte). Deve ser um *pro*:

(26) João disse que a Maria não beijou o Pedro_i na festa, mas o Pedro disse que ela beijou _____i;

O problema é, porém, que, se o objeto nulo do PB é *pro*, não podemos explicar a impossibilidade de (25), em face à possibilidade de (27):

(27) O Pedro_i disse que a Maria beijou ele_i;

Farrell resolve o problema através de estipulações com relação à ocorrência do objeto nulo *pro*. Segundo minha análise, no entanto, (25) não é gramatical pois o objeto nulo do PB, reconstrução do DP/NP antecedente, é somente possível no caso de esse antecedente ser [-animado]. Além disso, segundo minha análise para (26), baseada em Matos (1992), temos uma estrutura de elipse de *VP*, e não de objeto nulo. O efeito é, como já vimos, semelhante, mas há critérios para a distinção (ver Cyrino, 1994; Matos, 1992; e acima).

Farrell (1987) fornece ainda um exemplo de objeto nulo no PB que considero agramatical:

(28) ?A Júlia_i sempre chora quando ponho _____i no berço.

Aqui, porque o antecedente é [+animado, +específico/referencial] não se pode ter o objeto nulo. O preenchimento é necessário:

(29) A Júlia sempre chora quando ponho ela/ a ponho no berço.

Meus dados diacrônicos do século XX também confirmam essa análise. Primeiramente, tenho somente um exemplo de objeto nulo com antecedente

[+animado] que poderia ser considerado [+específico/referencial]. Mas é um exemplo em que essa especificidade/referencialidade do antecedente não pode ser afirmada categoricamente:

- (30) - Descobriram o assassino do crime?
 - Para mim a polícia não descobre ____ (Marques Rebelo, Rua Alegre, 12, p.17)

Aqui o assassino do crime pode ser não-referencial, ou seja, ter a leitura “o assassino do crime, quem quer que ele seja”. Mesmo que fosse [+específico], neste exemplo, encontra-se em uma estrutura que poderia ser considerada elipse de VP (Rodolfo Ilari, comunicação pessoal). Assim, não poderíamos considerar (30) como um exemplo de objeto nulo.

No entanto, como mencionado acima, quando o antecedente é [-específico/referencial], podemos ter no PB um objeto nulo com um antecedente [+animado]. Em (31), temos um exemplo extraído de Duarte (1986):

- (31) A FEBEM é um dos elos dessa corrente que cria o menor infrator, não é ela o único responsável, o único elo que cria ____, e como tal ela não consegue recuperar ____.

Quando o antecedente é não-específico, a preferência é de não se usar o clítico no PB atual, mas sim a opção “objeto nulo”. Temos, assim, sentenças do tipo em (32), em que o antecedente do objeto nulo é não-específico/referencial:

- (32) - Está faltando um copo dos novos ...
 - Se está faltando, é porque você quebrou ____ (Marques Rebelo, Rua Alegre, 12, p. 18)

Além disso, podemos ver nos dados diacrônicos, que quando o antecedente é [-animado], seja específico ou não, o objeto é nulo em 88,3% dos casos no PB atual, confirmando os resultados apontados nas pesquisas sincrônicas mencionadas acima. Da mesma forma, quando a referência é a um antecedente sentencial, como em (33), somente temos elipse sentencial, e não mais a opção “clítico neutro” (ver Cyrino, 1993, 1994):

- (33) Eu fui ganhar a chave com 19 anos. Eu conto ____ pra todo mundo. (Duarte, 1986)

Esta análise não discorda da proposta em Kato (1991a,b). A autora afirma que a mudança no PB tem a ver com a mudança no paradigma pronominal da língua:

Clítico		Pronome objeto	
o	- masc./neutro	ele	(=he)
a	- feminino	ela	(=she)
		ϕ	(=it)

Seguindo Kato, minha análise propõe que o objeto nulo do PB corresponderia ao “it” do inglês, o qual pode referir-se a uma estrutura de reconstrução em FL quando seu antecedente é [-específico/referencial].

Devido ao fato de ser reconstrução em FL, o objeto nulo do PB (e também o “it” em certas estruturas em inglês, como em (34) abaixo) suscita a possibilidade de leitura imprecisa, conforme mostra (35), fenômeno que ocorre também em elipse de VP.

- (34) John gives his paycheck to his wife and Peter gives it to nis mistress
 ‘John dá seu salário à sua esposa e Peter o dá à sua amante.

- (35) a. João espera ganhar seu carro/o Mercedes no Natal, mas
 Pedro vai comprar ___ antes.

Em (35) (e (34) para o inglês), temos a possibilidade de leituras estrita e imprecisa (“strict” e “sloppy”), o que mostra que a reconstrução e elipse estão presentes no objeto nulo do PB (e na ocorrência do pronome “it” em inglês, nesse exemplo).

Por outro lado, os pronomes tônicos “ele/ela” não podem ser reconstrução em FL, assim como ocorre com “his/her” em inglês, e não permitem a leitura imprecisa, conforme mostram os exemplos (36) e (37):

- (36) João espera ganhar seu carro/o Mercedes no Natal, mas Pedro
 vai comprar ele antes.

- (37) The man who saw his wife in the cafeteria was luckier than
 the man who saw her in the cinema.
 ‘O homem que viu sua esposa na lanchonete teve mais sorte
 do que o homem que viu ela no cinema’.

Como (36) mostra, se usarmos o pronome tônico, a leitura imprecisa é impossível, da mesma forma como ocorre no inglês, em (37). Os falantes a quem perguntei sobre (36) expressam a marginalidade do pronome “ele” no registro formal - a mesma observação está em Duarte (1986). Confirmam, porém, a falta da leitura imprecisa nesse caso, em contraste com (35).

Minha proposta, portanto, é adequada para dar conta do fenômeno “objeto nulo” do PB. Além disso, é possível observar nos dados diacrônicos como, quando e por que esse objeto nulo surgiu.

3. A mudança diacrônica

O objeto nulo do PB, conforme vimos acima, é bem mais livre do que o objeto nulo do PE. A razão é que houve uma mudança diacrônica trazendo uma generalização da reconstrução para objetos cujos antecedentes fossem [-animado].

A questão da mudança diacrônica está intimamente ligada à teoria da aquisição da linguagem. Em outras palavras, só podemos postular mudança lingüística se temos uma teoria de aquisição de linguagem que inclui hipóteses coerentes sobre o que constitui evidência disponível para a criança.

Clark & Roberts (1992) propõem que a mudança paramétrica ocorre quando o alvo da aquisição contém valores de parâmetro que não podem ser unicamente determinados com base no ambiente lingüístico. A fixação de um parâmetro é “estável” na medida em que sua expressão nos dados é não-ambígua. Quando há uma mudança fonológica, que muda a evidência positiva, essa expressão já se torna “instável” e pode ocasionar mudanças. Os autores exemplificam essa situação com a mudança ocorrida no francês do século XV: uma mudança fonológica ocasionou o surgimento de pronomes clíticos sujeito, alterando o parâmetro relativo a essa propriedade. Essa alteração ocasionou outras mudanças no francês: seguindo Adams (1987), os autores propõem que o estímulo inicial para a erosão de V2 tenha vindo da mudança morfofonológica nos pronomes sujeitos. Os autores afirmam: “innovation may arise from one of two sources: either internally, when a parametric change makes new constructions available, or externally, when phonological or morphological change weakens evidence for certain hypotheses” (p.37).

Em PB, o caso foi semelhante. Segundo Nunes (1993), houve uma mudança fonológica no PB: a mudança na direção de cliticização fonológica, que passou a ser da esquerda para a direita. Em Cyrino (1994), mostro que essa mudança deve ter ocorrido por volta do século XVII. A mudança no padrão fonológico trouxe como consequência a eliminação da possibilidade de ocorrência do clítico de terceira pessoa em certos contextos, como em (38). Observe a posição do clítico em (38) e (39):

(38) O viste?

(39) Toma este pote de azeite
e vai-o vender à feira (Gil Vicente, Auto da Mofina Mendes,
p. 91 - século XVI)

Sendo a opção “clítico” não mais permitida por não haver elemento à esquerda que pudesse licenciá-lo, há uma preferência pela elipse sentencial (como em (40)) que já se manifesta claramente em meus dados diacrônicos a partir do século XVIII:

(40) Eu acho que a Margareth podia ___ tentar (Miguel Falabella,
No coração do Brasil, p. 9 - século XX)

A criança do século XVIII, assim, já não teria evidência positiva robusta do uso do clítico neutro, pois a elipse sentencial com verbos proposicionais como em (41a) entra em variação com clítico neutro, como em (41b):

- (41) a. ‘Pois como há aqui outro, fora D. Fuas?’
‘Eu não sei ___, em minha consciência, que é má.
(Antonio José, Guerras do Alecrim e da Manjerona, p. 220
- século XVIII)
- b. ‘Que é isto, sobrinho?’
‘Eu o não sei , em minha consciência’ (Idem, p. 236)

Já não sendo possível usar o clítico acusativo de terceira pessoa em certos contextos, por razões fonológicas, mas havendo a possibilidade de objeto nulo em vários casos, há a emergência de um novo tipo de objeto nulo: o objeto nulo reconstrução no caso de antecedente [-animado], ou seja, o objeto nulo que corresponderia ao clítico “mais próximo” ao clítico neutro. De fato, observa-se um aumento na ocorrência de objetos nulos com antecedentes específicos [-animado] já a partir do século XIX.

A mudança paramétrica, a fase em que certas estruturas deixam de existir na gramática, está estampada na falta do pronome clítico neutro e do clítico acusativo para antecedentes [-animado] no século XX, o que altera o paradigma pronominal acusativo do PB. Assim, a mudança paramétrica proposta em Cyrino (1994) é a alteração nas possibilidades de realização da posição de objeto direto (seguindo Kato, 1991a, b).

4. Conclusão

Este trabalho teve como objetivo responder a questões relativas à ocorrência do objeto nulo no PB. Vimos na seção 0 que diversos estudos propõem diferentes análises para o objeto nulo, inclusive para o PB. Os pesquisadores tendem a considerá-lo pronominal, diferindo entre si ao propor o licenciamento/identificação da categoria nula. Minha proposta é que seja um fenômeno de reconstrução em FL e elipse em FF. Esta análise não descarta, de certa forma, o caráter pronominal do objeto nulo, pois sugere que seja resultado do mesmo processo operante em certos pronomes, como o pronome clítico neutro e pronomes “paycheck” (ver Cyrino, 1994).

A razão pela qual o objeto nulo do PB pode ocorrer em ilhas é explicada: está no fato de ser uma seqüência de reconstrução inaudível, e, portanto, pode ocorrer em qualquer estrutura, se há identidade estrutural e mesmo vocabulário terminal. A ocorrência da reconstrução pode estar até mesmo em estruturas de ilha, conforme mostram diversos exemplos de elipse de VP em Fiengo & May (1994), como (42):

- (42) a. John shaved himself, but Bill didn't because the barber did.
 ‘John barbeou-se, mas Bill não, porque o barbeiro o barbeou’.
- b. Philby, who Angleton suspected, but who Dulles didn't, was a mole.
 ‘Philby, de quem Angleton suspeitava, mas de quem Dulles não suspeitava, era uma toupeira’.
- c. What John knows is minimal, and what he doesn't is vast.
 ‘O que John sabe é mínimo, e o que ele não sabe é vasto’.
- d. John said he was crazy before the teacher did, and Bill did too.
 ‘John disse que ele era louco antes que o professor dissesse, e Bill também disse’.

Portanto, ao postular o objeto nulo do PB como reconstrução quando seu antecedente é [-animado], além de quando [-específico] (como ocorre no PE), temos uma explicação para sua ocorrência irrestrita, em comparação ao objeto nulo [+específico] do PE.

A análise diacrônica, além de mostrar quando e como o objeto nulo do PB surgiu, permite também explicar por que a mudança ocorreu no PB e não no PE. Em PB, devido a uma alteração fonológica e à escolha de uma das opções oferecidas pela sintaxe da língua, a evidência positiva necessária para a criança determinar uma gramática com clíticos neutros foi sendo obscurecida. A partir da falta de evidência positiva, a criança inovou as possibilidades de objeto nulo no PB e, conseqüentemente, houve uma mudança nas possibilidades de realização do objeto direto na língua.

(Recebido em 07/08/1995. Aprovado em 02/02/1996)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, M. (1987) *Old French, Null Subjects and Verb Second Phenomena*. Tese de Doutorado. UCLA.
- CAMPOS, H. (1986) Indefinite object drop. *Linguistic Inquiry* 17: 354-359.
- CLARK, R. & I. ROBERTS (1992) A computational model of language change. *D.E.L.T.A.*, 8 (n. especial): 53-104.
- COLE, P. (1987) Null objects in universal grammar. *Linguistic Inquiry*, 18: 597-612.
- CYRINO, S. M. L. (1993) Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil. In I. Roberts & M. Kato. *Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- _____. (1994) *O Objeto Nulo no Português do Brasil - Um estudo sintático-diacrônico*. Tese de Doutorado. UNICAMP.
- DUARTE, M. E. L. (1986) *Variação e Sintaxe: Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. PUC/SP.
- _____. (1991) O sujeito nulo referencial no português coloquial europeu: uma abordagem quantitativa. Ms., UNICAMP.
- FARRELL, P. (1987) Empty objects in brazilian portuguese. Ms., UCSD.
- _____. (1990) Null objects in brazilian portuguese. *The Linguistic Review*, 8: 325-346.
- FIENGO, R. & R. MAY (1994) *Indices and Identity*. Cambridge: MIT Press.

- GALVES, C. (1987) A sintaxe do português brasileiro. *Ensaios de Lingüística*, 13: 31-50.
- ____ (1989a) O objeto nulo no português brasileiro: percurso de uma pesquisa. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 17: 65-90.
- ____ (1989b) Objet nul et structure de la proposition en portugais brésilien. *Revue des Langues Romanes*, 93: 305-336.
- HUANG, C. T. J. (1984) On the distribution and reference of the empty categories. *Linguistic Inquiry*, 15: 531-574.
- ____ (1991) Remarks on the status of the null object. In R. Freidin. *Principles and Parameters in Comparative Grammar*. Cambridge: MIT Press.
- KATO, M. A. (1991a) The distribution of pronouns and null elements in object position in brazilian portuguese. In W. Ashby, M. M. G. Perissinotto & E. Raposo (1993) *Linguistic Perspectives on the Romance Languages*. Amsterdam: John Benjamins.
- ____ (1991b) A theory of null objects and the development of a brazilian child grammar. Trabalho apresentado no Congresso de Aquisição "Crossing Boundaries", Tubingen, Alemanha.
- ____ (1993) Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In I. Roberts & M. Kato. *Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- MAIA, M. (1990) The null object in brazilian portuguese. Ms., USC.
- MATOS, M. G. A. (1992) *Construções de Elipse de Predicado em Português - SV Nulo e Despojamento*. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa.
- NUNES, J. (1993) Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In I. Roberts & M. Kato. *Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- OMENA, N. P. (1978) *Pronome Pessoal de Terceira Pessoa: Suas formas variantes em função acusativa*. Dissertação de Mestrado. PUC/RJ.
- PEREIRA, M. G. D. (1981) *A Variação na Colocação dos Pronomes Átonos no Português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. PUC/RJ.
- RAPOSO, E. (1986) On the null object in european portuguese. In O. Jaeggli & C. Silva-Corvalán. *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht, Foris.
- RIZZI, L. (1986) Null objects and the theory of *pro*. *Linguistic Inquiry*, 17: 501-558.
- TARALLO, F. (1983) *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de Doutorado. University of Pennsylvania.